



Fiat Lux

Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz

Mente Pura - Coração Nobre - Corpo São

ano 2018 nº 3 mar / abr



ÍNDICE

Editorial:	1
1. ASTROLOGIA: Peixes e Áries	3
O Equinócio de março	5
2. FILOSOFIA ROSACRUZ:	
2.1 - O Significado Cósmico da Páscoa	8
2.2 - Manual da Disciplina: Um olhar sobre a seita de Qumrân	12
3. COLUNA DA BELEZA:	
À Beleza por Miguel Torga	24
4. HISTÓRIAS DO CAMINHO DA ROSA:	
Peixes: Compaixão	25
5. ÉTICA PARA A ERA DE AQUÁRIO:	
Alguns alimentos vegan ricos em proteínas	28
Pudim de Chia	30
6. ESPAÇO DE REFLEXÃO:	
“PRIMEIRA JORNADA”	31
7. AGENDA	33

Imagem de capa: GUIAME, BRUNO BRANDÃO

Editorial

Caros Amigos e Amigas,

Apesar do rigor do inverno não nos ter ainda deixado, já podemos ver surgirem, aqui e acolá na natureza, ainda que de forma tímida, as primeiras flores que anunciam a proximidade da primavera. Dentro em breve, uma explosão de vida brotará de novo por todo o lado, atingindo todos os reinos e seres sencientes que evoluem no nosso planeta. Todos os anos, de forma cíclica, uma nova vaga de vida tem início por esta altura do ano; um novo alento que a tudo e todos impulsiona para mais uma jornada de crescimento e evolução. Na primavera tudo se renova e é geral o sentimento de alegria, satisfação e a vontade de viver e amar. Mesmo para os humanos mais compenetrados nos seus afazeres e azáfamas diárias, esta época não passa despercebida. Eles tornam-se mais ativos e alegres, nem que seja pela perspectiva da possibilidade de virem a desenvolver mais atividades lúdicas e prazerosas nos meses que se seguirão. De um modo mais ou menos consciente, todos são tocados por este novo alento que impulsiona para a ação, numa onda de vida renovada que por esta altura da Primavera todos os anos se repete. Este período é assinalado e celebrado em todas as tradições, sendo que na nossa matriz Cristã e de acordo com o calendário litúrgico católico, corresponde à Páscoa. Nesta festividade evoca-se a vida, morte e ressurreição de Jesus. Porém, para o estudante dos mistérios cristãos, que trilha a senda da espiritualidade, esta época e esses acontecimentos, velam um mistério do mais profundo significado e misticismo. A história do nascimento, vida, morte e ressurreição do homem Jesus, que pelo batismo no Jordão se tornou Cristo, reflete o ciclo cósmico anual do sol. Para o místico, o sol físico constitui a manifestação do Cristo Cósmico cujo Espírito periodicamente encarna na terra.

A partir do equinócio de outono, o impulso Espiritual do Cristo vai descendo e penetrando na terra, atingindo essa vaga de Amor Cósmico o seu máximo na meia noite do dia vinte e quatro de dezembro, ocasião em que se celebra o Natal e o nascimento do Salvador. Pela sua ação, são infundidas no homem as atividades mentais e as vibrações de luz e amor tão características do ambiente de Espiritualidade que se vive nesta época do ano. Após esse raio de Amor Cósmico ter atingido o seu auge, no interior do nosso planeta, o Espírito do Cristo Cósmico, retornará o seu movimento de volta aos céus. Nesse trajeto e pelo caminho como que "sussura" a todas as sementes que jazem no interior da terra e, a todos os seres vivos, que é chegada a hora de despertar para mais uma etapa na escola da vida. E assim, esse novo impulso que mantém, propaga e perpetua a vida, não deixa nenhum ser indiferente. Este movimento de retorno do

Espírito do Cristo Cósmico abandonando a Terra, onde esteve confinado ou crucificado, de volta ao trono do Pai, culmina no equinócio da Primavera momento em que o Sol cruza o equador celeste e se celebra a Páscoa. Esta assinala pois, para o cristão místico, a libertação completa do Espírito de Cristo, que durante os meses anteriores infundiu o Seu Amor desde o interior do nosso planeta. Este é pois, o tempo de celebrar e agradecer o término de um Serviço amorosamente prestado pelo Cristo à humanidade e ao planeta Terra. Após a conclusão deste, expresso nas últimas palavras de regozijo do próprio Cristo Jesus na cruz, quando disse "consummatum est", seguiu-se a sua libertação da cruz, ressurreição e elevação a outros planos cósmicos junto do Pai.

Todos os aspirantes na senda da Espiritualidade reveem-se nestes eventos cósmicos. Em cada novo ano, em cada nova primavera, o Cristo Cósmico com o Seu sacrifício e Amor, transmite-nos um novo alento e lembra-nos que também nós devemos desenvolver o anelo para iniciar a nossa própria libertação do mundo dialético da matéria densa. Ter a coragem de erguer a nossa própria cruz, percorrer a via das dores em direção ao Gólgota, para que assim possamos morrer e ressuscitar noutra estado de Ser ou plano de consciência.

Mas, embora na Páscoa o Espírito de Cristo se afaste da terra, Ele não se ausenta para sempre e retorna em cada novo ano até o plano divino da evolução se completar. Tal como Ele disse aos seus discípulos depois de ressuscitar e antes de partir, que lhes deixaria o Espírito Santo, relembremos também nós a máxima dos antigos Rosacruz:

Ex Deo nascimur - Em Deus nascemos

In Jesu morimur - Em Jesus morremos

Per Spiritum Sanctum reviviscimus - Pelo Espírito Santo renascemos

Nesta época tão especial que se aproxima possamos também nós preparar-nos para morrer na nossa natureza inferior e renascermos como o Novo Homem. Deste modo um dia celebraremos verdadeiramente a Nossa Páscoa.

Votos de uma Santa Páscoa.

Que as rosas floresçam nas vossas cruces.

EB

1. ASTROLOGIA

Peixes



A dedicatória para 6 de janeiro e o mês solar de março, de 19 de fevereiro a 20 de março, é à Hierarquia de Peixes. Esta é a Hierarquia que trabalha para fazer manifesto o princípio de unificação em toda a criação. Ralph Waldo Emerson deu uma perfeita descrição Pisciana quando disse "*O imperfeito adora a minha própria Perfeição. A vida não é uma colcha de retalhos, senão uma gloriosa e divina unidade.*"

Peixes é o último signo prévio ao nascimento do novo ano, período de recapitulação e de autoexame. Marca o final de uma vida anterior e o amanhecer de uma nova. O modelo cósmico que prevalece sobre a Terra através desta Hierarquia é o do homem perfeito, criado à imagem e semelhança de Deus e manifestando a divindade de seu interior. O Homem

feito a Semelhança de Deus é a nota chave de Peixes e também de Áries. De fato, o aperfeiçoamento do homem tem sido o divino labor de todas as doze Hierarquias criadoras desde o começo da evolução humana. Quando chegue ao seu término, será sob o ministério da hierarquia Pisciana.

Pedro é o Discípulo correlacionado com Peixes - Pedro, o inestável, o homem "onda" quem, depois de haver despertado o Cristo interno por meio da fé, se converteu na Pedra da Iniciação sobre a qual se fundamenta a igreja.

O centro dual do corpo associado a Peixes são os pés e na raça humana este centro tem de ser despertado. Na visão de Fátima, as crianças descreveram particularmente as rosas formosas florescendo nas mãos e nos pés da Bendita Senhora.

Esse corpo, feito à imagem e semelhança de Deus, brotará à luz das estrelas cintilantes, ou flores despertadas dentro dos centros vitais. Esse corpo glorioso é o vestido dourado de bodas a que se refere São Paulo como o corpo celeste glorioso. Foi a visão desse luminoso veículo na memória da Natureza que fez Paulo dizer que "o homem é um pouco inferior aos Anjos" e ainda não é evidente o que ele será.

Para meditar em 6 de janeiro enquanto o ritmo de Peixes impregna a Terra, e durante o mês solar de março, tem-se a seguinte semente bíblica:

"Deus criou o homem à sua imagem e semelhança". Gn 1:27

ÁRIES



O 26 de dezembro está dedicado à hierarquia de Áries, Hierarquia que estabelece o modelo cósmico da vida durante o mês em que o Sol transita pelo signo de Áries. De 20 de março a 21 de abril, Áries projeta sobre o mundo o arquétipo de uma Terra perfeita. O novo céu e a nova Terra que visualizara São João no seu sublime Apocalipse.

Segundo todos os calendários sagrados, Áries é o começo do Novo Ano solar. Por isso, se chama o signo da consciência ressuscitada. Quem alcançou este grau de consciência vê somente a divindade em todas as pessoas, coisas, circunstâncias, condições e eventos. O motivo da dedicação durante o período de Áries é "Ver o Lado Divino".

O Discípulo correlacionado com Áries é Tiago, irmão de João. Este foi o primeiro a responder ao chamado do discipulado e o primeiro em ir ao martírio, sendo um verdadeiro pioneiro espiritual. Durante o mês de Áries o aspirante deveria estudar a vida de Tiago e esforçar-se em emular as suas virtudes.

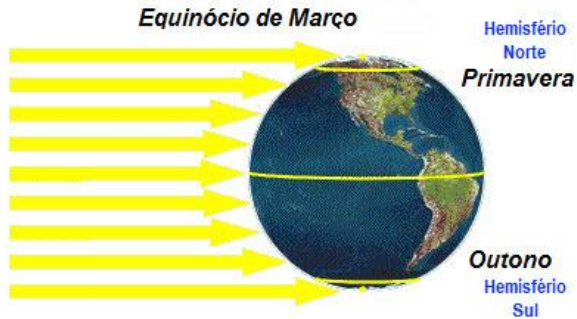
A cabeça é o centro do corpo relacionado com Áries e a Hierarquia projeta o arquétipo da cabeça com todo o seu esplendor. O estudante pode visualizar a cabeça com os seus órgãos espirituais despertos e iluminados, funcionando plenamente.

A semente bíblica para meditar em 26 de dezembro e durante o mês solar de Áries, de 20 de março, a 21 de abril provem da citação:

"Vede, Eu faço novas todas as coisas." - Ap. 21:5

(Corinne Heline, Interpretação da bíblia da Nova Era, vol. V, Ed, ver., New Age Press, 1984)

O Equinócio de março



No Equinócio de março, o Sol "cruza" o equador celeste de Sul para Norte – como sabemos a Astrologia funciona em projeção geocêntrica e consultando as Efemérides planetárias verificaremos que à medida que os dias se vão aproximando de Março, a declinação do Sol vai diminuindo: passa de 23º 26' para 0º.

Essas razões físicas são as partes visíveis que verificamos como evidências de que o Equinócio de março é o momento em que mais uma vez estamos no tempo da Páscoa.

Do ponto de vista astrológico, a passagem do Sol por Áries, o Carneiro (regido por Marte) simboliza o cordeiro Pascal, marcial, morte na cruz ("cruzar" o Equador – Crucificação).

Mais uma vez atingimos o ato final do drama cósmico que envolve a descida do Raio do Cristo sobre a matéria da nossa Terra: o Nascimento Místico, celebrado pelo Natal, a Morte Mística e a Libertação.

O impulso de vida do Cristo Cósmico que penetrou na Terra da última vez e teve o seu Nascimento Místico por ocasião do Natal, cumpriu a sua maravilhosa magia de fecundação durante os meses decorridos entre o Natal e a atual Páscoa, e está agora libertando-se da Cruz da matéria para ascender novamente ao Trono do Pai, deixando a Terra revestida de vida para ser usada nas atividades físicas dos próximos meses.

O Raio Espiritual emanado anualmente do Cristo Cósmico para revitalizar a vitalidade latente da Terra, está subindo ao Trono do Pai.

Nesta parte do ano, uma nova vida, uma energia aumentada, circula com força irresistível pelas veias e artérias de todas as coisas vivas, inspirando-as, dando-lhes nova esperança, nova ambição e nova vida, impelindo-as a novas atividades por meio das quais aprenderão novas lições na escola da experiência. Com ou sem

conhecimento da parte dos beneficiados, esta energia superabundante revigora tudo o que tem vida.

Durante os últimos seis meses temos sido progressivamente impregnados com as vibrações espirituais do Cristo Cósmico, que começaram a penetrar a atmosfera da Terra em setembro.

Nessa descida do Cristo Cósmico, veio a nós um novo impulso para a vida superior; esse impulso culminou na noite Santa do Natal e tem produzido a sua magia nas nossas naturezas de acordo com a maneira pela qual aproveitamos as nossas oportunidades.

De acordo com a nossa diligência ou descuido na passada estação, o nosso progresso será acelerado ou retardado nesta, pois não há palavra mais verdadeira do que aquela que nos ensina que somos exatamente o resultado das nossas próprias ações.

Uma nova oportunidade de prestarmos maior serviço proporcionar-nos-á um impulso adicional em direção ao céu e não será demais repetirmos que será inútil esperarmos a libertação da cruz da matéria, enquanto não tivermos aproveitado todas as nossas oportunidades aqui. Só depois, estaremos preparados para uma esfera de serviço mais ampla.

Os cravos que pregaram o Cristo à Cruz do Calvário terão que trespassar a todos, até que o impulso dinâmico do amor flua de nós em ondas que vão aumentando ritmicamente, como a maré de amor que anualmente penetra na Terra e a envolve com vida renovada.

Durante os três meses que passaram, o Cristo sofreu as agonias da tortura, "gemendo e esperando pelo dia da libertação" que chega na ocasião da qual a Igreja Ortodoxa fala como sendo a Semana da Paixão.

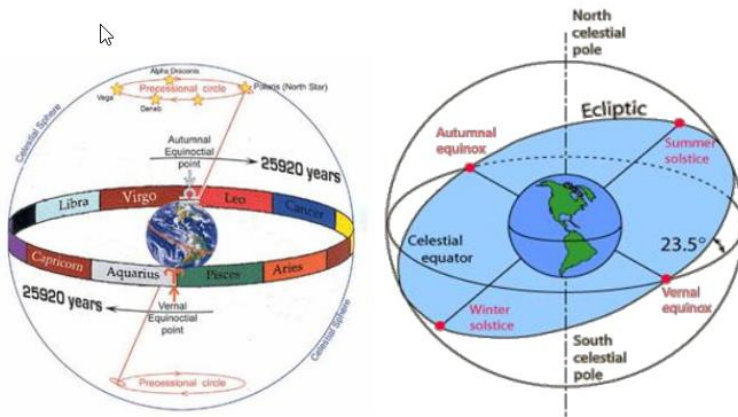
Nós sabemos, de acordo com os ensinamentos místicos, que essa semana é exatamente a culminação ou o ponto máximo do Seu sofrimento e que então Ele sairá da Sua prisão; sabemos que quando o Sol cruza o equador, Ele pende da Cruz e exclama: "Consummatum Est". Está terminado!

Este não é, porém, um grito de agonia.

É um grito de triunfo, um brado de alegria porque chegou a hora da libertação, e porque mais uma vez, Ele pode elevar-se durante algum tempo livre das agrilhoantes condições do nosso planeta.

Deveríamos regozijar-nos com Ele nesta hora grande, gloriosa e triunfal; na hora da libertação, quando Ele exclama: "Está terminado"!

Sintonizemos nossos corações com este grande acontecimento cósmico; regozijemo-nos com o Cristo nosso Salvador, porque mais uma vez chegou ao fim o Seu Sacrifício anual; e sintamos gratidão, do mais profundo do nosso coração, porque Ele está prestes a libertar-Se dos grilhões da Terra; porque a Vida que Ele agora espalhou no nosso planeta é suficiente para nos conduzir até ao próximo Natal, quando Ele, O Salvador, voltar de novo a nascer.



Adaptado do texto da Fraternidade Rosacruz de Campinas disponível em: <http://www.fraternidaderosacruz.com/index.php/astrologia/astrologia-e-os-solsticios-e-equinocios/776-as-razoes-visiveis-e-esotericas-para-o-equinocio-de-marco?tmpl=component&print=1&page=>

2. FILOSOFIA ROSACRUZ

2.1 - O SIGNIFICADO CÓSMICO DA PÁScoa

Max Heindel

Na manhã da sexta-feira Santa de 1857, Richard Wagner, o maior artista do século dezanove, sentou-se na varanda de uma vivenda suíça situada nas margens do lago de Zurique. O panorama que se descortinava ao redor estava banhado por um glorioso brilho do Sol; paz e boa vontade pareciam vibrar por toda a Natureza. A criação inteira palpitava de vida e o ar estava carregado da deliciosa fragância dos bosques de pinho-bálsamo gratificante para um coração atormentado e uma mente agitada.

De súbito, como um raio caído do céu azul, surgiu na alma profundamente mística de Wagner a lembrança do execrável significado daquele dia - o mais sombrio e doloroso do ano cristão. Essa lembrança inundou-o de tristeza pelo contraste com o que via. Era uma incongruência marcante entre o alegre cenário que tinha diante de si, a atividade notável da Natureza em luta pela renovação da vida após o longo sono hibernar, e o mortal esforço do Salvador torturado na cruz; entre os gorjeios plenos de vida e de amor dos milhares de cantores de pena nos bosques, nas charnecas e nos prados, e os hediondos gritos de ódio duma turba enfurecida que insultava e zombava do mais nobre ideal que o mundo já conheceu; entre a maravilhosa energia criadora manifestada pela Natureza na primavera, e o elemento destruidor do homem que assassinou o caráter mais nobre que já agradeceu a Terra.

Enquanto Wagner assim meditava sobre os paradoxos da vida, ocorreu-lhe a pergunta: "Há alguma relação entre a morte do Salvador crucificado na Páscoa, e a energia vital que se manifesta tão abundantemente na primavera, quando a Natureza começa a vida de um novo ano?"

Mesmo que Wagner não percebesse conscientemente o significado total da relação entre a morte do Salvador e o rejuvenescimento da Natureza, não obstante havia encontrado a chave de um dos mais sublimes mistérios com que o espírito humano já se deparou na sua peregrinação do barro a Deus.

Na noite mais escura do ano (Hemisfério Norte), quando a Terra dorme mais profundamente no abraço do frio Boreal, quando as atividades materiais descem ao nível mais baixo, uma onda de energia espiritual transporta na sua crista a "Palavra do Céu", divina e criadora, para um nascimento místico no Natal. Então, como uma nuvem luminosa, o impulso espiritual paira sobre o mundo que "não O conheceu", porque Ele "brilha nas trevas" do inverno, quando a Natureza está paralisada e muda.

Essa divina "Palavra" criadora contém uma mensagem e tem uma missão. Nasceu para "salvar o mundo" e "para dar a sua vida pelo mundo". Deve necessariamente sacrificar

a sua palavra para conseguir o rejuvenescimento da Natureza. Gradativamente sepulta-se na Terra e passa a infundir a sua própria energia vital nos milhões de sementes que jazem adormecidas no solo. Sussurra a "palavra de vida" nos ouvidos dos animais e pássaros, até que o evangelho das boas novas tenha sido pregado a todas as criaturas. O sacrifício completa-se totalmente na época do ano em que o Sol cruza o seu nodo oriental no equinócio da Primavera (Hemisfério Norte). Então, a divina palavra criadora expira. Num sentido místico, ela morre sobre a cruz da Páscoa, emitindo um último brado de triunfo: "Está consumado!" (Consummatum est).

Do mesmo modo que o eco volta a nós muitas vezes repetido, assim também o canto celestial de vida se repete sobre a Terra. A criação inteira entoia um cântico de louvor, que é repetido sem cessar pelo coro de uma legião de línguas. As pequeninas sementes no seio da Mãe Terra começam a germinar, brotando e despontando em todas as direções, e logo um maravilhoso mosaico de vida, um tapete verde aveludado, bordado de flores multicores, toma o lugar da mortalha do imaculado branco gelado. Dos animais de pelo e pena, em todos a "palavra de vida" ressoa como uma canção de amor, impelindo-os ao acasalamento. Geração e multiplicação tornam-se o lema em toda a parte - o Espírito libertou-se para uma vida mais abundante.

Podemos observar todos os anos, misticamente, o nascimento, a morte e a ressurreição do Salvador - como o fluxo e o refluxo de um impulso espiritual que culmina no solstício do inverno - Natal - e sai da Terra logo após a Páscoa, quando a "palavra" sobe ao Céu no domingo de Pentecostes. Mas lá não fica para sempre. Disseram-nos que "dali retornará no Juízo". Portanto, quando o Sol desce pelo Equador, em outubro, através do signo de Balança - época em que os frutos do ano são colhidos, pesados e classificados por tipos - começa a descida do Espírito do novo ano, culminando esta descida no nascimento de Cristo no Natal.

O homem é uma miniatura da Natureza. O que acontece em grande escala na vida de um planeta, como a nossa Terra, ocorre em escala menor ao longo da vida do homem. Um planeta é o corpo de um grande, maravilhoso e exaltado Ser, um dos Sete Espíritos diante do Trono (do Pai Sol). O homem também é um espírito "feito à sua imagem e semelhança". Assim como um planeta gira no seu caminho cíclico ao redor do Sol de onde é emanado, assim também o espírito humano se move numa órbita em volta da sua fonte central - Deus. Sendo elípticas as órbitas planetárias, possuem pontos muitíssimo próximos e outros extremamente afastados dos seus centros solares. De maneira análoga, a órbita do espírito humano é elíptica. Estamos mais perto de Deus quando a nossa jornada cíclica nos leva à esfera da atividade celeste - o Céu - e estamos mais separados d'Ele durante a vida terrena. Tais mudanças são necessárias ao nosso crescimento anímico. Assim como as festividades do ano assinalam o carácter repetitivo dos acontecimentos importantes na vida de um Grande Espírito, do mesmo

modo os nossos nascimentos e mortes são fatos de repetição periódica. E tão impossível para o espírito permanecer definitivamente no Céu ou na Terra, como o é para um planeta deter-se na sua órbita. A mesma imutável lei de periodicidade que determina a ininterrupta sequência das estações - a alternância dos dias com as noites e os fluxos e refluxos das marés - governa também a marcha progressiva do espírito humano tanto no Céu como na Terra.

Dos domínios de luz celestial onde vivemos em liberdade, sem as limitações do tempo e do espaço, onde vibramos em uníssonos com a infinita harmonia das esferas, descemos para nascer no mundo físico, onde a nossa vista espiritual se torna obscurecida pelo anel mortal que nos agrilhoa a esta fase de limitações da nossa existência. Vivemos algum tempo aqui, depois morremos e subimos aos céus, para renascer e morrer outra vez. Cada vida terrena é um capítulo da história seriada da vida, extremamente humilde no seu começo, mas crescendo em interesse e importância à medida que ascendemos para estágios de responsabilidade humana cada vez mais altos. Nenhum limite é concebível, pois somos divinos em essência e, portanto, temos latentes em nós as infinitas possibilidades de Deus. Quando tivermos aprendido tudo o que este mundo tem para nos ensinar, uma órbita mais ampla, uma esfera maior de utilidade sobre-humana abrir-se-á às nossas maiores capacidades.

"Oh, Minh'alma! Constrói para ti mansões mais majestosas, enquanto as estações passam ligeiramente!

Abandona o teu invólucro finalmente; ergue cada novo templo, mais nobre que o anterior com cúpula celeste, com domo bem maior, e que te libertes decidida largando tua concha superada, nos agitados mares desta vida." Assim escreveu Oliver Wendell Holmes, comparando a progressão espiral na ampliação do anel de um náutilo, com a expansão da consciência, que é o resultado do crescimento anímico num ser humano em evolução.

"Mas, e Cristo?" - pode alguém perguntar: "Você não acredita n'Ele? Você está discorrendo sobre a Páscoa, o feriado que comemora a morte cruel do Salvador e Sua gloriosa e triunfante ressurreição, todavia parece referir-se a Ele mais como uma alegoria do que como um fato real".

Certamente nós cremos em Cristo; amamo-Lo de todo o coração e com toda a nossa alma, mas queremos enfatizar a crença de que Cristo é a primícia da raça. Ele disse que nós poderíamos fazer as coisas que Ele fez, "e maiores ainda". Portanto, somos Cristos em formação.

"Ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém Se não nascer dentro de ti, a tua alma ficará perdida. Em vão olharás a Cruz do Gólgota. A menos que dentro de ti, ela seja novamente erguida".

Assim visualizou Angelus Silesius, com verdadeira compreensão mística dos requisitos essenciais para a realização dos nossos desejos. Estamos muito habituados a procurara um Salvador externo ao mesmo tempo que abrigamos um demónio interno, mas até que Cristo seja formado EM NÓS, conforme disse Paulo, buscaremos em vão. Assim como é impossível percebermos a luz e a cor ao nosso redor sem o registo das suas vibrações pelo nosso nervo ótico, e assim como permanecemos inconscientes ao som quando o tímpano dos nossos ouvidos está insensível, do mesmo modo permanecemos cegos à presença de Cristo e surdos à Sua voz, enquanto não despertarmos a nossa natureza espiritual interna. No entanto, uma vez despertada essa natureza espiritual, o Senhor do Amor revela-se como uma realidade primordial, baseado no princípio que, fazendo-se vibrar um diapasão, outro diapasão do mesmo tom começará também a vibrar, enquanto outros de tons diferentes ficarão mudos. Por isso, Cristo disse que as Suas ovelhas conheciam-No pelo som da Sua voz, à qual respondiam, mas a voz do estranho não ouviam (João 10:). Não importam os nossos credos, todos somos irmãos em Cristo, portanto regozijemo-nos: o Senhor ressuscitou! Busquemo-Lo e esqueçamos os nossos credos e outras diferenças de menor importância.

2.2 - Manual da Disciplina: Um olhar sobre a seita de Qumrân

*“... Mas Aquele que faz germinar um ramo santo
Para uma plantação de verdade
Esconde o seu segredo para que ninguém o suponha sequer;
Sem ninguém o conhecer, Ele o sela com o mistério...”*

In **Hinos de Acção de Graças** – Hino XIII – (VIII. 4-12)

Após a leitura deste Manual, surgiram-me de imediato algumas questões que agora exponho:

- a) A organização de texto do próprio Manual;
- b) A existência da referida seita, provavelmente bem anterior à redacção das regras;
- c) O secretismo que envolve a própria comunidade (bem patente na carga simbólica dos signos utilizados nos seus articulados) e o elitismo demonstrado;
- d) Regras e a natureza das penalizações.

Tentar explicar a natureza de uma seita através das suas regras de conduta em comunidade, poderá fornecer-nos pistas relevantes sobre o seu modo de pensar e agir, contudo não deixa de ser apenas uma parcela de uma história maior.

Os documentos encontrados mostram, por exemplo, que esta comunidade interpretava as Escrituras de uma forma própria; utilizava uma linguagem de cariz simbólico, recorrendo-se das alegorias, metáforas e usando epítetos particulares para se referirem a si próprios ou aos outros (exemplo: os Kittim como referência aos Romanos); recorria também a um estilo literário de cariz escatológico com preocupações moralizantes, onde abundam as metáforas e os epítetos de conteúdo antagónico (Filhos da Luz versus Filhos das Trevas) que podem apontar para uma determinada predestinação. Todos estes elementos são relevantes quando queremos comentar acerca das suas regras em comunidade, até porque o Manual **não parece ser um código homogéneo**. Os escribas da seita reuniram neste Manual, não só as regras de iniciação à seita, punições por infracções, estrutura hierárquica da comunidade, rituais como também surge de permissão um texto sobre a dualidade da natureza humana e hinos de acções de graças. Por outro lado, o “Documento de Damasco” contém também informação sobre as regras da comunidade e sua estratificação social. Talvez não tivesse havido uma preocupação de reunir num só manual toda a informação sobre a própria comunidade e suas regras – provavelmente, à medida que se foi escrevendo sobre o assunto, foram-se reunindo vários textos que acabaram por

formar um código. Ou talvez houvesse duas facções da mesma comunidade em tempos diferentes ou ainda em tempos coincidentes, sendo que uma albergaria apenas os homens que se dedicariam ao ascetismo e a outra à comunidade maior (com mulheres, crianças e homens).

Burrows afirma mesmo que *“... a forma de organização, bem como as regras da seita, encontram-se no Documento de Damasco e no Manual de Disciplina (...) estes dois documentos têm muitos elementos comuns, muito embora as diferenças que os separam bastem para demonstrar que não provêm exactamente do mesmo grupo. Sem dúvida, representam ramos distintos de um mesmo movimento ou etapas diferentes da sua história, se não uma coisa e outra, simultaneamente.”* (1)

Porquê redigir um Manual de Disciplina? Quais seriam os objectivos visados pela seita ao transcrever este Manual? Provavelmente as regras da comunidade teriam sido transmitidas oralmente durante alguma parcela de tempo, não tendo surgido a necessidade de as transcrever – ou por não se verificarem grandes infracções ao estipulado, ou pelo facto de a comunidade ter começado por ser muito pequena.

Quase sempre a necessidade de legislar provém da prevaricação à regra estabelecida. O que parece não deixar espaço para dúvidas – nomeadamente a nível de estudo arqueológico – é que **a comunidade seria bem anterior à redacção dos códigos.** M. Burrows afirma que *“... a seita se encontrava já organizada na altura em que foi redigido o Manual de Disciplina (...) as regras da comunidade, tais como se encontram reunidas neste documento, demonstram já que uma tradição importante se desenvolvera”* (2)

Relativamente ao carácter elitista da seita não parece haver grande lugar para dúvidas. Não só seria muito difícil a entrada na seita, como também os seus membros se consideravam especiais no que dizia respeito ao restante povo judeu. Observavam a lei de Moisés com estrita rigidez, nomeadamente no que dizia respeito à observância do sábado (celebração do Sabbat e dos Templos Sagrados) e tinham preocupações imensas acerca da purificação e dos rituais a si associados, incluindo as que antecederiam as refeições que prefiguravam, de alguma forma, o banquete Messiânico. Por outro lado demarcaram-se dos restantes judeus no que diz respeito a alguns detalhes que se tornaram importantes, como por exemplo, a adopção do calendário solar (com a introdução da quarta-feira, associada ao dia quatro do Génesis em que, alegadamente, Deus teria criado o sol e a lua, nascendo assim o conceito de dia e noite). *“... O calendário jubilar começava o ano no quarto dia da semana, quarta-feira, porque foi então que foram criadas as luzes celestes, não se podendo falar propriamente de dia e noite antes dele (Génesis, I, 14-19)”* (3)

O secretismo adoptado pela seita de Qumrân é bem evidente, não obstante conhecermos as suas regras básicas.

Finalmente, a natureza das penalizações expressas na Regra não deixa de ser curiosa pela sua rigidez como também pelas situações contempladas. As penas são variadas e vão desde a redução alimentar até à suspensão e mesmo à expulsão da comunidade. Há sanções para quem cuspir no chão, para quem for dormir (ou adormecer?) durante uma reunião, para quem exhibir a mão esquerda em gestos pouco abonatórios e elegantes. Mais adiante apresentarei um quadro com algumas das sanções e seus enquadramentos temporais.

2. A entrada na comunidade

Quem podia entrar nesta comunidade?

Aparentemente estaria aberta a qualquer indivíduo oriundo de Israel que aderisse à Lei de Moisés, (mesmo sendo prosélito) não obstante uma avaliação e exame à sua aptidão para a disciplina. A cerimónia de admissão estava sujeita a um juramento solene e obrigatório, na presença de todos, comprometendo-se a seguir todos os preceitos e revelações e a separarem-se dos caminhos perversos e iníquos. Ou seja, desde que fosse judeu entrava na categoria de “escolhido” porque estava estigmatizado com a marca da Aliança. Iavé parece ter sido um deus que gostava particularmente de estabelecer alianças com aqueles a que chamava de “seu povo”. Tinha-lhes dado o arco-íris no seguimento do dilúvio como uma marca distintiva da sua intenção de não mais lançar destruição na terra, exigindo-lhes a abstenção do sangue; a Abraão exigiu a marca corporal como traço distintivo do seu povo – a circuncisão dos descendentes masculinos. Claro que, ao longo dos tempos, os homens (os filhos de Israel) foram prevaricando e esquecendo os preceitos exigidos pelo seu deus e pondo em causa a Aliança – ou a sua renovação. Este ressuscitar dos preceitos divinos parece ter estado na base religiosa da comunidade de Qumrân, levando-os a demarcarem-se dos restantes judeus que consideravam ímpios.

“E eles separar-se-ão da congregação dos homens da injustiça e unir-se-ão no que respeita à doutrina e aos bens, e ficarão sob a autoridade da Congregação no que se refere a todas as matérias de doutrina e bens.” (4QS) (4)

Só assim se compreende esta insistência na iniquidade, injustiça, coração pecaminoso por oposição a verdade, rectidão e justiça na Aliança da Graça. (1QS).

Entrar na comunidade possuía também implicações a nível económico que se prendiam com o despojamento dos bens materiais – o que não deveria ser muito fácil para todos os candidatos, a julgar pela própria lista de infracções e correspondentes

sanções. O membro que não cuidasse dos bens da comunidade e os perdesse, teria de os restituir por inteiro ou, na impossibilidade de o fazer, faria penitência durante sessenta dias. Sabe-se que existia o cargo de Tesoureiro na comunidade de Qumrân; inclusive se conhece o nome de um dos tesoureiros através da sua menção num óstraco descoberto no local. (5) Tal regra coloca, à partida, uma questão que parece pertinente considerando que todos os membros se despojavam dos seus bens. Se assim acontecia, como poderia restituir por inteiro os bens perdidos que tinham estado à sua responsabilidade? Onde iria buscá-los se não quisesse cumprir com a penitência dos sessenta dias?

Depois da cerimónia, o indivíduo não se tornava membro de imediato. Tinha um período de noviciado de dois anos em que era avaliado duas vezes (anualmente); não podia tomar refeições em conjunto com a comunidade; deveria observar uma estrita disciplina e respeito pelos outros membros – nomeadamente os que lhe eram hierarquicamente superiores. Só ao fim dos dois anos de noviciado seria admitido na comunidade – se fosse avaliado nesse sentido.

3. As regras

As regras são elucidativas acerca das práticas comportamentais dos homens. Conforme já anteriormente referi, as infracções e respectivas sanções só fazem sentido quando as situações de prevaricação se verificam. Aqui deixo algumas das referidas no documento 1QS para se poder avaliar da imputabilidade dos actos em si e do critério subjacente à punição e ao tempo de penitência.

Note-se que as punições relativamente às refeições implicavam que o indivíduo não comesse em comunidade e que a ração daquilo que comia lhe fosse “cortada” de acordo com o pecado cometido. Igualmente curiosas são algumas normas de decoro e regras de comportamento, como falar disparatadamente, rir muito alto, cuspir no chão, interromper o companheiro no uso da palavra ou mesmo dormir durante a Assembleia.

Obviamente que as infracções que implicavam exclusão são as mais graves de acordo com os preceitos da própria seita. Invocar o nome de deus em vão, ou simplesmente invocá-lo, desobedecer à ordem de um irmão inscrito ou “tomar a lei nas suas próprias mãos” (fazer justiça pelas suas mãos), caluniar a Congregação ou difamar a sua autoridade, e depois de dez anos na comunidade, se o homem falhar, trair ou caminhar obstinadamente no sentido do pecado. O mesmo se aplicava ao membro da comunidade que com este partilhasse a comida ou os bens.

Infracção	Sanção	Tempo
Mentir deliberadam/ em matéria de bens	Excluído da Pura Refeição	1 ano penit com ¼ comida
Desobedecer a irmão inscrito	Penitência e exclusão	1 ano penitência
Proferir o mais venerável nome (deus)	Exclusão definitiva	-----
Mentir deliberadamente	Penitência	6 meses
Insultar deliberadamente	Penitência e exclusão	1 ano penitência
Falar disparatadamente	Penitência	3 meses
Interromper s/companheiro	Penitência	10 dias
Dormir durante uma Assembleia	Penitência	30 dias
Desnudar à frente companheiro	Penitência	6 meses
Cuspir durante uma Assembleia	Penitência	30 dias
Rir alto disparatadamente	Penitência	30 dias
Usar mão esquerda para gesticular	Penitência	10 dias
Caluniar e difamar a Congregação	Exclusão definitiva	-----
Caluniar o companheiro	Penitência	1 ano
Trair Congregação depois de 10 anos	Exclusão definitiva	-----

Também as regras de uma Assembleia são estabelecidas no mesmo documento e começam por deixar bem claro a estratificação social no seio da própria Congregação.

“Cada homem sentar-se-á no seu lugar: os Sacerdotes sentar-se-ão primeiro e os anciões em segundo, e todas as restantes pessoas de acordo com a sua categoria. E assim são questionadas no que se refere à Lei(...)” (6)

Regras a observar durante a Assembleia:

- nenhum homem interromperá o seu semelhante;
- nenhum homem de categoria inferior falará antes do seu superior;
- nenhum homem falará sem consentimento da Congregação;
- Ao querer falar à Congregação, levantar-se-á e manifestará a vontade de dizer algo.

Relativamente ao noviço:

- será avaliado pelo Guardião à frente da Congregação;
- será instruído sobre todas as regras da Comunidade;
- não tocará na Refeição da Congregação antes de um ano de admissão;
- entregará seus bens e rendimentos ao tesoureiro da Congregação;

- não tocará na Bebida da Congregação antes de completar dois anos de admissão;
- será avaliado ao fim de dois anos e se for admitido, será inscrito na ordem.

No conselho da Comunidade haverá doze homens e três sacerdotes; onde se reunirem dez homens haverá um sacerdote e a Congregação fará vigília durante um terço de cada noite do ano, para ler o Livro. A comunidade dividir-se-ia em quatro classes, assim designadas:

- **Sacerdotes**
- **Levitas**
- **Filhos de Israel**
- **Prosélitos**

O objectivo principal da seita é traçar uma Nova Aliança com lavé, baseada na lei de Moisés. Mais uma vez estamos perante a temática dos eleitos, do povo escolhido, do espírito da raça judaica. Estes eleitos (a seita) serão “os escolhidos” dentro da raça escolhida. A sua observância da lei é rigorosa e a interpretação das Escrituras é, em determinadas situações, quase literal (como exemplo, a observância do sábado).

“Será uma muralha testada, essa preciosa pedra angular cujas fundações não abanarão nem cederão no seu lugar; será uma morada sacratíssima para Aarão, com o conhecimento de todos eles de uma aliança de justiça e da oferenda de fragrância; será uma casa de perfeição e verdade para Israel estabelecer uma aliança com os preceitos perpétuos.” (4QS) (7)

A seita de Qumrân possuía uma vertente ascética, constituída apenas por homens que “ quando estes estiverem confirmados na fundação da Comunidade durante dois anos, em termos de perfeição do caminho, serão destacados como santos dentro do conselho dos homens da Comunidade (...) e quando estes se tornarem parte da Comunidade em Israel, eles separar-se-ão do meio da habitação dos homens da injustiça para irem para o deserto para aí preparem o caminho d’Ele (ou a verdade)” (4QS) (8)

Não parece restar muitas dúvidas acerca do grande propósito.

“Quando estes fizerem parte da Comunidade em Israel, segundo estas regras, estabelecerão o espírito da santidade como verdade eterna (...) ganharão aceitação divina para a terra sem carne de holocaustos e gordura de sacrifícios e oferendas.” (9)

Segundo Geza Vermes, os limites temporais da história da seita parecem ser, num extremo, o início do século II A.C. e no outro extremo, uma data posterior a 27 D.C.

sendo que esta última é determinada pela arqueologia de Qumrân e coincidente com a chegada dos exércitos romanos de Vespasiano e Tito às imediações do Mar Morto, assim como com a primeira guerra judaica.

Até ao momento tenho evitado referir-me à seita de Qumrân usando a designação de **Essénios**. Com efeito, Vermes defende a teoria de ambas terem a mesma identidade apoiando-se nas fontes históricas – Flávio Josefo, Fílon de Alexandria e Plínio, o Velho – e nas semelhanças entre as descrições dos documentos e as narradas pelas referidas fontes (incluindo a organização, costumes comuns). O Documento de Damasco, porém, fornece pistas mais específicas que associam os Essénios e a comunidade de Qumrân, assim como pistas para as origens e a história do próprio movimento. Também aí abundam as metáforas e as alegorias.

O que sabemos, basicamente, sobre os Essénios?

- Adoptaram o calendário solar;
- Devotavam-se à oração, à cura do corpo e da alma, distinguindo-se também na profecia;
- A sua iniciação comportava um ano de estágio probatório e em mais dois de formação;
- A desobediência causava expulsão da ordem;
- A posse comum dos bens era uma das principais características da seita;
- A agricultura a principal ocupação;
- Faziam banhos rituais antes das refeições que eram cozinhadas e abençoadas pelos sacerdotes;
- Usavam roupa branca e rejeitavam sacrifícios animais;
- Demonstravam uma reverência extrema pela Lei, com rigorosa observância ao sábado;
- Os seus ensinamentos esotéricos eram registados em livros secretos;
- Concebiam uma vida depois da morte puramente espiritual.

Face ao que sabemos dos Essénios através das fontes anteriormente referidas, não se torna particularmente difícil associar a seita de Qumrân a esta comunidade. J. Allegro refere-se sempre a esta comunidade como “*a seita*”, afirmando, contudo que “... *havia uma terceira seita judaica, os Essénios, sucessores espirituais(...) dos Hasidim dos tempos dos Macabeus. Podemos obter em várias fontes muitas informações acerca deles e das suas ideias; porém, como algumas coisas parecem ser contraditórias, há que não confiar muito nas questões do pormenor. No entanto, parece ser certo que possuíam um estabelecimento monástico junto do mar Morto, nos arredores de En Geddi, num ponto que corresponde exactamente ao mosteiro de Qumrân.*” (10)

4. Os Filhos da Luz

Na introdução a este trabalho referi que este Manual parece ter sido uma compilação de vários textos (regras de iniciação, rituais, estrutura hierárquica da comunidade, hinos de acções de graças, um texto sobre a dualidade da natureza humana) e não um volume dedicado apenas às regras disciplinares da comunidade.

O texto sobre os dois espíritos do homem é particularmente curioso por nos remeter para um **mundo de antíteses**, cujos signos linguísticos escolhidos são bem reveladores de uma determinada destreza literária e conotativa. Assim, este texto aborda em simultâneo - e colocando-as permanentemente em confronto - duas vertentes simbólicas.

BEM	MAL
Filhos da luz	Anjo das trevas /vias das trevas
Espíritos da verdade, filhos da verdade	Filhos do erro
Príncipe das luzes	Espíritos das trevas
Filhos da justiça	Iniquidade, falsidade, orgulho, arrogância
Anjo da verdade	Mentira, dissimulação, crueldade
Humildade, longanimidade, misericórdia	Grande impiedade, prontidão na cólera
Cupidez, justiça, compreensão	Loucura, altaneiro ciúme,
Poderosa sabedoria	Espírito da luxúria, mácula,
Bondade eterna	Língua blasfema, cegueira dos olhos,
Abundância da sua Graça	Surdez dos ouvidos, rigidez da cabeça
Inteligência	Dureza do coração
Gloriosa pureza	Abundância de calamidades
Modesta e prudente conduta	Anjos de destruição
Abundância de paz	Perdição eterna, cólera de deus
Fecundidade de eternas bênçãos	Vingança, terror perpétuo
Alegria sem fim	Desonra sem fim, ignomínia da destruição
Vida da eternidade	Fogo das trevas, doloroso luto
Coroa de glória	Sombrios desastres
Trajo de majestade na luz eterna	Destruição

Os dois opostos habitam no homem, porque *“Deus formou os dois espíritos em proporção igual até ao fim dos tempos, estabelecendo entre ambos os seus partidos uma inimizade eterna”* (11); Deus terá criado o homem com estas duas naturezas opostas que se gladiam durante toda a vida, sendo que cabe ao homem, pelo exercício do livre arbítrio, escolher a sua natureza boa.

Por outro lado, a escolha das palavras **luz** e **trevas** como antónimos, remete para os mitos solares que tanta importância tiveram em muitas das civilizações ditas *antigas*. (Mitra na mitologia Persa, Amon Ra na mitologia Egípcia, Moloch na Canaanita, Amaterasu na Japonesa, Shamash na Suméria como deus solar Acádio, etc.) Os anjos e hordas de demónios são de influência persa (zoroastrismo) e parecem ter penetrado nas frinchas do judaísmo e colaborado no resultado final de natureza escatológica. O julgamento final, a condenação das almas, as trevas como um doloroso luto – remetem para a **ausência de cor**, a **ausência de luz**. Porque o deus de Israel é descrito como “luz”, os seus seguidores só poderiam ser “filhos da luz”. Associados à luz estão uma série de atributos (bondade, justiça, inteligência) e de imagens (coroa de glória, traje de majestade, vida de eternidade). Parece igualmente relevante mencionar que para esta seita, o homem é composto por um *“envoltório carnal”* e pelo *“espírito repartido”*, sendo que no julgamento final, deus destruirá o *“espírito do erro escondido na carne”*, purificando-o; esta purificação assemelha-se a *“um banho de água lustral”*. Temos conhecimento através dos documentos sobre a importância dos **banhos rituais de purificação** (especialmente anteriores às refeições). Estes estão indubitavelmente associados à “peneira” que o deus de Israel passará no momento do julgamento final. Ser partidário da seita de Qumrân significava então que se fazia parte do restrito grupo dos “eleitos”, que se era detentor do Conhecimento. A salvação atingia-se pois através do conhecimento. Burrows sugere que este

“dualismo de luz e trevas que recorda, de maneira extraordinária, esse dualismo gnóstico” (12). Afirma ainda que *“se o gnosticismo (...) não influenciou directamente o judaísmo da seita de Qumrân, a verdade é que ambos podem ter ido beber à mesma fonte. As ideias sobre as quais notámos certo parentesco pertencem, especificamente, ao masdeísmo, a religião do antigo Irão.”*(13) Burrows). Acrescenta ainda que *“o tema dos dois exércitos de luz e trevas é particularmente característico do mazdeísmo.”*(14).

Esta oposição entre luz/trevas poderia estar mais próxima do dualismo iraniano do que do próprio gnosticismo. O que parece óbvio é estarmos perante o antagonismo deus/diabo com toda a carga conotativa e simbólica que daí advém. Se é verdade que as influências do masdeísmo tiveram repercussões na literatura da seita, conferindo-

Ihe um cunho profético e apocalíptico, também poderemos aceitar que esta dualidade do homem tenha um determinado cunho gnosticista.

Conclusão

“The Qumran scrolls are important for the study of early Christianity mainly because they tell us about the language, theological concepts and organizational structures of a Palestinian Jewish group active from the second century BCE to the first century CE. They provide good parallels; but they are not the sources for the New Testament.” (15)

Considerando então que a seita de Qumrân e a comunidade dos Essênios são uma mesma realidade, esta última podia mesmo ter interpretado as escrituras de alguma forma ímpar, ter adoptado determinados ensinamentos esotéricos que manteve secretos e ter mesmo feito o voto de silêncio (a nível sacerdotal) . Talvez a designação de “filhos da luz” remeta para conhecimentos de carácter esotérico descortinados no próprio texto bíblico (nomeadamente no Génesis) e se refira “ a uma idade da criação do próprio mundo” (associada ao quarto dia em que teria ocorrido a separação entre o dia e a noite) e não tão-somente às batalhas intermináveis entre o bem e o mal.

É bem verdade que os primeiros versículos do Génesis são detentores de um certo hermetismo e que podem bem ser interpretados como “as idades do mundo”, uma criação faseada, com propósitos evolutivos e que culmina com o descanso do Criador. Talvez os sete dias da criação se refiram a sete períodos de manifestação criativa. Também não me parece despropositado que Iavé, o deus de Israel, que escolheu o seu povo como eleito, fizesse parte de uma das legiões de “anjos”, sendo que não seria ele o Criador Absoluto, mas seria sim uma espécie de “deus menor”, provavelmente apadrinhando as raças, com particular favoritismo pela judaica. Iavé, ao escolher os 144.000 eleitos, levou-me a colocar duas questões:

- como poderia um deus misericordioso escolher apenas 144.000 almas de todas as existentes no mundo, sem que tal facto não fosse à partida um cruel paradoxo;
- seria o homem criado à imagem de deus ou o contrário? Esta imagem de Iavé como um deus vingativo, implacável e cruel parece ser construída à base da imagem que os homens têm de si mesmo. Talvez o homem cometa o grande erro de imaginar Deus à imagem da sua crueldade e se esqueça de conceber a essência divina como ela apenas poderá ser: plena de altruísmo, misericórdia e amor.

No meu entender, um deus que apenas pretende salvar 144.000 almas não pode fazer parte deste universo de perfeição.

De resto, o povo judeu sempre manteve o lema de “uma vez judeu, sempre judeu”, gloriando-se do facto material de provirem da semente de Abraão e esquecendo provavelmente a sua natureza espiritual. Nesse aspecto, a seita de Qumrân não divergiu. Continuou a apoiar firmemente a lei de Moisés.

Com a chegada de um homem chamado Jesus, a mensagem alterou-se. Apesar de o seu discurso ter pontos em comum com alguns dos ensinamentos judaicos, não poderá deixar de ser descrito como um “ profeta com discurso escatológico” . D.J. Harrington , menciona os aforismos proferidos por Jesus nos seus ensinamentos – que desafiam a própria lógica (16) - mas não deixa de o descrever como “*an eschatological prophet or as a charismatic healer*” (17) Todavia, parece-me que Jesus já não se pretendia fazer a apologia da raça mas criar uma fraternidade universal que partilhasse da mesma fé. Apesar de ter nascido no seio dos judeus (e sendo culturalmente judeu) foi por estes rejeitado pela natureza das suas pregações. Esta rejeição por parte dos filhos de Israel constitui a prova suprema do seu apego à Aliança e à raça.

Interpretar as Escrituras, concebê-las em hebraico antigo, estando as palavras ligadas umas às outras, sem vogais e disponíveis para quaisquer pequenas alterações conforme a conveniência do intérprete, não teria ajudado à busca da veracidade do texto original. Uma das provas disto é a própria designação de deus no Génesis como “*elohin*” – o que parece remeter para uma pluralidade criadora.

A importância da biblioteca de Qumrân é por demais evidente: não só traz à luz novos articulados, como proporciona estudos comparativos com os apóstolos nos Evangelhos. Também propicia algum conhecimento sobre esta comunidade de ordem religiosa e espiritual e nos ajuda a (re)colocarmo-nos perante os outros e a vislumbrar a sua maneira de ver Deus. A religião é o que nos liga ao sagrado (*re-ligare*). Somos, naturalmente seres espirituais.

Como afirmaria Pierre Teilhard de Chardin,

“ Não somos seres humanos tendo experiências espirituais; antes somos seres espirituais fazendo experiências humanas”.

Indubitavelmente é necessário dar ao homem uma religião que tenha o tamanho da sua ignorância.

“Quando eu disse ao caroço da laranja que dentro dele dormia um laranjal, ele mostrou-se incrédulo(...)”

Hermógenes

Anabela Leandro

Notas:

- 1) in Os documentos do Mar Morto, Millar Burrows, pág. 244
- 2) ibidem, pág. 243
- 3) in Os manuscritos do Mar Morto, John Marco Allegro, pág. 159
- 4) in Manuscritos do Mar Morto, Geza Vermes, pág. 124
- 5) Tesoureiro ou Guardião de nome Eleazar, filho de Nahmani (Vermes, pág. 78, vide Notas)
- 6) ibidem, pág.113
- 7) ibidem, pp 125/126
- 8) ibidem , pág.126
- 9) ibidem, pág.126
- 10)in Os manuscritos do Mar Morto, John Marco Allegro, pp. 222/223
- 11)in Os documentos do Mar Morto, Millar Burrows, pág. 392
- 12)ibidem, pág. 270
- 13)ibidem, pág.272
- 14) ibidem, pág. 272
- 15) in Wisdom Texts from Qumran – The dead sea scrolls, pág.87
- 16) “those who want to save their life will lose it “ ; the last will be the first and the first last“ (Marcos 8:35 e Mateus 20:16)
- 17) in Wisdom Texts from Qumran – The dead sea scrolls , pág.89

Bibliografia:

Manuscritos do Mar Morto, Geza Vermes , Edt. Ésquilo, 1ª. Ed., Julho de 2006, Lisboa
Os documentos do Mar Morto, Millar Burrows, Porto Editora, Porto
Os manuscritos do Mar Morto, John Marco Allegro, Publ. Europa-América, Lisboa,1958
Os Manuscritos do Mar Morto, E. Laperrousaz, Rés-Editora, Ltda., Porto, 2ª. Ed., 2004
Wisdom Texts from Qumran – The dead sea scrolls, Daniel J. Harrington, Routledge Publisher , 1996, London

3. COLUNA DA BELEZA

À Beleza

Não tens corpo, nem pátria, nem família,
Não te curvas ao jugo dos tiranos.
Não tens preço na terra dos humanos,
Nem o tempo te rói.
És a essência dos anos,
O que vem e o que foi.

És a carne dos deuses,
O sorriso das pedras,
E a candura do instinto.
És aquele alimento
De quem, farto de pão, anda faminto.

És a graça da vida em toda a parte,
Ou em arte,
Ou em simples verdade.
És o cravo vermelho,
Ou a moça no espelho,
Que depois de te ver se persuade.

És um verso perfeito
Que traz consigo a força do que diz.
És o jeito
Que tem, antes de mestre, o aprendiz.

És a beleza, enfim. És o teu nome.
Um milagre, uma luz, uma harmonia,
Uma linha sem traço...
Mas sem corpo, sem pátria e sem família,
Tudo repousa em paz no teu regaço.



A Nebulosa do Caranguejo ou M1

Miguel Torga, in “Odes”

4. HISTÓRIAS DO CAMINHO DA ROSA

PEIXES: COMPAIXÃO

Os rapazes voltaram-se para Burton, que estava sentado do outro lado da sala olhando distraidamente pela janela.

- Nós temos mesmo que lhe pedir? – perguntou Lance.

Eu tenho muita pena dele, mas ele não vai fazer nada além de continuar sentado ali. Ele vai estragar a festa.

- Eu acho que vai ser bom para ele se nós lhe pedirmos.

Ele sempre foi deixado de lado, comentou Frank.

Além disso, como é que ele vai estragar a festa ficando ali sentado? Nós podemos divertir-nos do mesmo modo.

O que fazemos?

Muitas cabeças aprovaram com relutância a decisão e Lance disse:

- Muito bem, mas é você quem vai perguntar. Eu não quero fazer isso.

Burton, dois anos mais velho do que os seus colegas, tinha atraso de desenvolvimento, mas não havia nenhuma escola especializada nas vizinhanças para onde os seus pais o pudessem mandar. Eles tinham-no matriculado no curso secundário onde tinha aulas de comércio, arte e educação física, mas ele lia mal e não conseguia aprender as matérias académicas. Era geralmente reservado e não arranjava problemas, e os outros alunos, embora ligeiramente aborrecidos pela situação, não tentaram mais nenhuma vez atraí-lo para o círculo de amigos, depois das primeiras e poucas tentativas, que resultaram sem sucesso.

Frank ficou muito tempo pensando no isolamento de Burton. Na verdade, ele não tinha, tal como Lance e os outros amigos, vontade de "arrastar" Burton para os seus convívios, mas tinha pena do rapaz, e a sua consciência estava sempre a dizer-lhe que eles deviam esforçar-se mais para serem bons com ele. Burton balançou a cabeça indeciso quando Frank o convidou para a festa e este último, não estava certo de que ele sequer tivesse entendido o convite. Contudo, quando de tarde Frank telefonou para a mãe de Burton, esta disse que ele só falava do convite e que não sabia como agradecer-lhe pela sua atitude. Todos tinham que levar um prato para a festa e a mãe de Burton prometeu fazer um bolo.

Quando Frank e Lance chegaram no dia seguinte, Burton saiu de casa todo orgulhoso trazendo o bolo numa caixa. Ele esforçou-se um pouco para conversar com os colegas e levou o bolo cuidadosamente no colo, sorrindo. Na festa, ficou sentado, quieto, apreciando o movimento dos convidados. Estes, esforçaram-se por turnos, para se sentarem perto dele e conversar e, embora ele ficasse quase sempre calado, o seu olhar habitualmente apagado, brilhava interessado e, de vez em quando, sorria e acenava para os outros. Batia o pé ao ritmo da música barulhenta do aparelho de som e mostrava-se menos retraído do que o habitual.

Quando a comida foi posta numa mesa comprida, Frank sugeriu que talvez Burton gostasse de cortar o seu próprio bolo. Relutante no princípio, Burton acabou cedendo à gentil sugestão de Frank e começou a cortá-lo. Trabalhava com incrível lentidão, e o seu rosto era uma verdadeira máscara de concentração, sendo as fatias do bolo cortadas com uma forma regular.

Depois de certo tempo, Frank sugeriu que ele comesse uma fatia e deixasse outra pessoa acabar de cortar o bolo, mas Burton pareceu tão ofendido que Frank não disse mais nada. Finalmente Burton acabou com muito sucesso a sua tarefa, e quando alguns amigos o cumprimentaram pelo seu belo trabalho, ele ficou radiante de alegria.

Na tarde seguinte, a mãe de Burton apareceu de surpresa na casa de Frank.

- Eu só queria dizer o quanto você fez o Burton feliz, ela disse. Tenho a certeza que ele não falou muito na festa – ele nunca fala com as pessoas até as conhecer bem e sentir-se seguro com elas – mas estava tão entusiasmado em casa! Até chegou a dizer: “eu acho que eles gostam de mim”.

A mãe de Burton enxugou os olhos e Frank ficou sem jeito.

- Pedir-lhe para cortar o bolo foi uma ideia de mestre, continuou a mãe de Burton. Como é que você pensou nisso? Ele não é capaz de fazer muita coisa, mas você não pode imaginar como ele fica outra pessoa, quando consegue fazer alguma coisa bem feita e é elogiado por isso...

Desde então, a vida de Burton na escola foi diferente. Sabendo agora o motivo do seu silêncio, os colegas falavam com ele, mesmo que ele não respondesse. Pediam-lhe para fazer coisas, mesmo que fosse só apontar um lápis ou devolver livros à biblioteca. Ficavam atentos para que sempre houvesse um grupo com ele na mesa do lanche, e Frank e Lance iam buscá-lo a casa cada

manhã, e assim, a sua mãe não precisava de o levar à escola. Ele era convidado para as atividades da classe e para as festinhas; algumas vezes ainda ficava quieto num canto, distraído e retraído, mas cada vez mais, ria e falava com os outros colegas – quase sempre uma conversa infantil, mas animado, e visivelmente feliz.

Uma vez, o professor mandou Burton dar um recado, e a mãe dele veio até a sala de aula.

- Eu não sei se vocês realmente entendem o quanto significa para o meu filho a vossa compaixão e compreensão, disse aos alunos. Ele sente-se parte do grupo – a primeira vez que ele já sentiu “pertencer” a algum lugar. Eu sei que tem muitas limitações, mas graças à vossa ajuda, está trabalhando inteiramente dentro desses limites, e levando uma vida com algum sentido. Que Deus vos abençoe a todos.

(Do Livro Histórias da Era Aquariana para Adolescentes – Vol. VI – Compilado por um Estudante – Fraternidade Rosacruz)

5. ÉTICA PARA A ERA DE AQUÁRIO

Alguns alimentos vegan ricos em proteínas

Já sabemos que quem é vegan não ingere qualquer tipo de alimento de origem animal. Mas então onde pode ir buscar as proteínas tão necessárias à renovação e crescimento celular?

Apresentam-se a seguir alguns dos alimentos vegan mais ricos em proteína vegetal:

- **CHIA** (17g de proteína em 100g de chia) – o “monstro proteico” do reino vegetal, tem efeito desintoxicante e ajuda a reduzir a gordura.



- **ERVILHA** (5g de proteína em 100g de ervilhas) – contém mais proteína do que o leite, é antioxidante e ajuda na prevenção dos problemas cardíacos.

- **FEIJÃO** (8g de proteína em 100 de feijão) – variando com o tipo de feijão, sendo o preto e o vermelho os mais ricos. Ajudam a controlar a diabetes e o envelhecimento celular.





- **GRÃO DE BICO** (19g de proteína em cru e 9g depois de cozido) – é igualmente um alimento muito rico em magnésio e potássio, ajudando no emagrecimento e no ganho de massa muscular.

- **GERGELIM OU SÉSAMO** (18g de proteína ou 40g quando reduzido a farinha) – é uma farinha altamente proteica que também contribui para a redução do colesterol.



- **AMÊNDOAS** (21g de proteína em 100g de amêndoas) – ricas em cálcio e magnésio, ajudam no tratamento da osteoporose.

- **SPIRULINA** (57g em 100g de alga seca) – ajuda também a reduzir o colesterol e é antioxidante e anti-inflamatória.



Fonte:

<https://www.elhombre.com.br/os-15-alimentos-mais-ricos-em-proteina-para-veganos/>

E aproveitando um destes magníficos alimentos ricos em proteína vegetal, apresentamos uma sobremesa onde para além do leite de coco e o próprio coco ralado, alimentos ricos em vitaminas e minerais e também um poderoso antioxidante, é utilizada a chia como fonte proteica.

Desfrute

PUDIM DE CHIA COM MORANGOS E RASPAS DE CHOCOLATE NEGRO VEGAN

Ingredientes:

- 2 chávenas de leite de coco
- ½ chávena de coco ralado
- 1 chávena de água
- 4 colheres de sopa de néctar de agave
- ½ chávena de sementes de chia
- 1 colher de sobremesa de agar-agar
- morangos em lâminas q.b.
- raspas de chocolate negro vegan



Preparação:

Demolham-se as sementes de chia na água durante ½ hora. De seguida, juntam-se o leite de coco, o coco ralado, o agar-agar e o néctar de agave.

Mistura-se tudo muito bem e leva-se ao frigorífico de um dia para o outro.

No fim, cobre-se o doce com lâminas de morangos e raspas de chocolate negro vegan.

(autoria: aluna do GEFRC Fiat Lux)

6. ESPAÇO DE REFLEXÃO

PRIMEIRA JORNADA

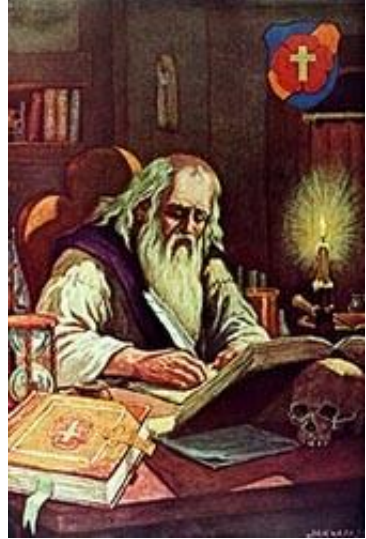
Uma noite, pouco antes da Páscoa estava sentado à mesa e, como tinha por hábito, conversava com o meu Criador, em humilde oração. Ardente pelo desejo de preparar no meu coração, um pão ázimo imaculado com a ajuda do bem-amado cordeiro Pascal, meditava profundamente a respeito dos enormes segredos que, na sua majestade, o Pai da Luz me deixou contemplar em tão grande número. De repente, o vento soprou com uma violência tal, parecendo que a montanha na qual construí a minha morada ia afundar-se sob as suas rajadas.

Todavia, como esta tentativa do diabo, que com frequência me causava muitas penas, não teve êxito, prossegui com a minha meditação. De repente, senti que me tocavam nas costas. Assustei-me tanto que, embora ao mesmo tempo

sentisse um prazer como não pode conhecer a fraqueza humana a não ser em circunstâncias parecidas, não me atrevi a voltar. Depois, acabei voltando-me, pois continuavam puxando as minhas roupas repetidamente, vendo uma mulher de extraordinária beleza coberta com um vestido azul delicadamente salpicado de estrelas de ouro, como o céu. Na sua mão direita levava uma trompeta de ouro, na qual pude ler um nome que logo me proibiram de revelar; na sua mão esquerda apertava um volumoso pacote de cartas, escritas em todas as línguas que, como soube depois, deveria distribuir por todos os países.

Tinha grandes e formosas asas cobertas de olhos; com elas voava mais rápido que a águia. Poderia te visto mais coisas, mas como ficou junto a mim pouco tempo, e como eu estava ainda aterrorizado e maravilhado, não me fixei em nada mais. Quando me virei, procurou no seu pacote de cartas e depositou uma sobre a minha mesa, fazendo uma profunda reverência; depois abandonou-me sem pronunciar palavra. Ao elevar o voo tocou a sua trompeta com tanta força que ressoou por toda a montanha e eu mesmo fui incapaz de escutar a minha própria voz durante quase um quarto de hora.

Não sabendo qual atitude tomar ante tão extraordinária aventura, caí de joelhos e roguei ao meu Criador que me protegesse de tudo o que pudesse ser contrário à minha salvação



eterna. Tremendo de medo, agarrei então a carta, e achei-a tão pesada como se toda ela fosse de ouro maciço. Examinando-a com cuidado, descobri um selo minúsculo, fechando-a e contendo uma cruz delicada com a inscrição: *In hoc signo vinces*. Quando vi o signo tive confiança, pois este selo não agradaria ao diabo que, certamente, não o usava. Abri, pois, a carta e li os seguintes versos escritos em letras de ouro sobre uma área azul:

*Hoje, Hoje, Hoje,
são as bodas do rei;
se nasceste para tomar parte nelas
eleito por Deus para o gozo,
dirije-te à montanha
que tem três templos
presenciará os acontecimentos.
Tome cuidado contigo, examine a ti mesmo.
Se não te purificaste constantemente as bodas te prejudicarão.
Infortúnio para quem se atrasa está abaixo.
Que se abstenha quem é muito ligeiro.
Abaixo e como assina: Sponsus e Sponsa.*

Lendo esta epístola estive ao ponto de desvanecer-me; arrepiaram-se-me os cabelos e um suor frio banhou o meu corpo. Compreendia que se tratava das bodas que me anunciaram sete anos antes numa visão; esperava-as e desejava-as com ardor; calculando a sua data; estudando minuciosamente os aspetos dos meus planetas; mas nunca suspeitando que se celebrariam em condições tão graves e perigosas. Imaginei que não teria mais que me apresentar às bodas para me acolherem como hóspede bem-vindo, pois, aqui tudo dependia da eleição divina. Não estava muito seguro de me encontrar entre os escolhidos; quando me examinava não encontrava em mim inteligência ou ignorância; apenas outro persistente grande Mistério cristão: a Ressurreição.

AS BODAS ALQUÍMICAS DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ
Johann Valentin Andreae
Chymische Hochzeit
(1616)

7. AGENDA

Agenda para o mês de março 2018

- dia 5 - 21:30 Leituras Rosacruz: “Astrologia - seu alcance e limitações” – Conferência X de Max Heindel.
- dia 11 - 10:30 Serviço Devocional (Cura) / Grupo de Estudos Fiat Lux
- dia 19 - 21:15 Tertúlias Rosacruz
- dia 25 – 10:30 Serviço Devocional (Cura) / Grupo de Estudos Fiat Lux
15:30 Conferência: “O Significado Místico da Páscoa na Tradição Rosacruz”

DATAS DE CURA

4 - 11 - 18 - 25 - 31

Agenda para o mês de abril 2018

- dia 2 - 21:30 Leituras Rosacruz: “Visão e compreensão espirituais” – Conferência XI de Max Heindel.
- dia 8 - 10:30 Serviço Devocional (Templo) / Grupo de Estudos Fiat Lux
- dia 16 - 21:15 Tertúlias Rosacruz
- dia 22 – 10:30 Serviço Devocional (Templo) / Grupo de Estudos Fiat Lux
15:30 Conferência: “Renascimento e a Lei da Consequência”

DATAS DE CURA

7 - 14 - 21 - 27

Sujeito a alterações. Consulte o nosso site em: <http://frcfiatlux.org>



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq
2720-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
tlm: +351 913 072 400
